

Livro do desassossego, de Fernando Pessoa, e Mon cœur mis à nu, de Charles Baudelaire: aproximações e afastamentos

Thiago Mattos Oliveira¹

Quando um livro não é um único livro: inacabamento e dispersão

LIVRO INACABADO, PROJETO DE OBRA, obra em processo, escritura em aberto, texto provisório – são muitas as chaves a partir das quais podemos estabelecer aproximações entre *Mon cœur mis à nu*, de Charles Baudelaire, e o *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa. Como são muitos também os afastamentos identificáveis, e que igualmente podem ajudar a significar essas obras – “obras” que colocam em questão a própria noção de obra acabada e imutável.

As aproximações mais evidentes entre *Mon cœur mis à nu* e o *Livro do desassossego* se dão através da incompletude em que se inscrevem: ambos são textos incompletos, inacabados, projetos de obra nunca levados a cabo. É dessa questão central que surgem as interfaces mais evidentes e menos sujeitas a contrapontos.

Mon cœur mis à nu e o *Livro do desassossego* são o tipo de “obra” que põem em questão a própria noção de obra. Isso porque a rigor não são obra, mas projeto de obra. Ou, se quisermos, obra em processo de escritura. Anotações, fragmentos de uma escritura por vir, uma escritura em processo, um intervalo entre o projeto e a sua realização.

A julgar pela correspondência pessoal, imagina-se que Baudelaire tenha se dedicado ao projeto de *Mon cœur mis à nu* de 1859 a 1865 (os manuscritos não são datados), cobrindo, assim, tanto o período de escrita dos poemas dos “Tableaux parisiens” das *Fleurs du mal* quanto dos pequenos poemas em prosa de *Spleen de Paris*. Ao mencionar *Mon cœur mis à nu* em carta enviada à mãe, refere-se à obra como algo futuro, em processo e até irrealizável:

um grande livro com que sonho há dois anos: *Mon cœur mis à nu*, em que colocarei toda a minha cólera. Ah! se ele um dia visse a luz do dia, as *Confessions* de J[ean]-J[acques] [Rousseau] pareceriam pálidas. Como você vê, ainda sonho. Infelizmente, para escrever esse livro singular, precisaria ter guardado as massas de cartas de todo mundo, que, ao longo de vinte anos, dei ou queimei²

Baudelaire chega à ideia de escrever *Mon cœur mis à nu* via Edgar Allan Poe, que imaginou na sua marginália um livro que se chamaria *My heart laid bare*, obra por si só impossível:

Se um homem ambicioso tivesse vontade de revolucionar, de uma só vez, o universo do pensamento humano, da opinião humana e do sentimento humano, a ocasião está

¹ Doutorando do programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos do Francês da Universidade de São Paulo (USP).

² PICHOIS, Claude; ZIEGLER, Jean. *Charles Baudelaire*. Paris: Fayard, 1996, p. 445: “Un grand livre auquel je rêve depuis deux ans : *Mon Cœur mis à nu*, et où j'entasserai toutes mes colères. Ah ! si jamais celui-là voit le jour, les *Confessions* de J.J. paraîtront pâles. Tu vois que je rêve encore. Malheureusement pour la confection de ce livre singulier, il aurait fallu garder des masses de lettres de tout le monde, que j'ai, depuis vingt ans, données ou brûlées”. As citações traduzidas que contam com o original em nota-de-rodapé tiveram tradução nossa.

dada, a estrada do renome imortal se abre diante dele, reta e sem obstáculos. Tudo o que ele tem que fazer é escrever e publicar um pequeno livro. O livro deve ser simples, algumas palavras claras: 'Mon cœur mis à nu' [My heart laid bare]. Mas esse pequeno livro deve ser *fiel a seu título*. Escrevê-lo, eis a dificuldade. Nenhum homem poderia escrevê-lo, ainda que ousasse. O papel se contorceria e se consumiria ao menor contato com a pena em chamas³.

De *My heart laid bare* Baudelaire chega, por tradução, a *Mon cœur mis à nu*, e começa a escrever as primeiras "notas" (aspas necessárias) em 1859, assim prosseguindo, com intervalos e irregularidades, até 1865, sem dar ordenação, e muito menos forma de livro, a esse pequeno (tendo em vista o espaço temporal de escritura) conjunto de papeis soltos: são notas, exercícios, fragmentos, parágrafos mais ou menos concluídos – nomear essa escritura afastada de certas referências *centrais* de gênero (uma escritura portanto "marginal?") é outro desafio de pesquisa. São, como tenho preferido chamar, *fusées* (termo emprestado do próprio Baudelaire), projetos-projéteis lançados sem preocupação de acabamento no horizonte de uma escritura em processo, um texto sempre por vir.

Ainda que Baudelaire nunca tenha publicado em vida nenhum trecho de *Mon cœur mis à nu*, são muitas as cartas em que o poeta cita diretamente o projeto de obra. Em 1º de janeiro de 1865, escreve a Julien Lemer, jornalista, livreiro e membro de sociedades literárias, uma relação das obras que teria a publicar, aí estando incluído *Mon cœur mis à nu*: "Tenho duas outras obras começadas, mas sinto que só poderei terminá-las em Honfleur. É uma série de contos, semelhantes entre si, e um grande monstro, *omni re*, intitulado: *Mon cœur mis à nu*"⁴. Em carta de 6 de maio de 1861 à mãe, Baudelaire afirma: "Tenho projetos; *Mon cœur mis à nu*, romances, dramas, inclusive um para o Théâtre-Français, e tudo isso será realmente feito? Já não acredito"⁵. O próprio Baudelaire admite que a publicação de *Mon cœur mis à nu* em vida seria pouco provável, em razão dos ataques pessoais dirigidos a diversas figuras da época. Em carta de 5 de junho de 1863, Baudelaire escreve para a mãe:

Sim, esse livro tão sonhado será um livro de rancores. Certamente que minha mãe e mesmo meu padrasto serão respeitados. Mas, contando minha educação, a maneira como se formaram minhas ideias e meus sentimentos, quero fazer sentir ininterruptamente que me sinto como estrangeiro ao mundo e a seus cultos. Destinarei contra *toda a França* meu real talento de impertinência. Tenho necessidade de vingança como um homem cansado tem necessidade de um banho. [...] Só publicarei *Mon cœur mis à nu*, é verdade, quando tiver uma fortuna conveniente para, se necessário, me abrigar fora da França.⁶

³ POE, Edgar A. *Contes, essais, poèmes*. Paris: Éd. Robert Laffont, 1995, p. 1097: "S'il vient à quelque ambitieux la fantaisie de révolutionner d'un seul coup le monde entier de la pensée humaine, de l'opinion humaine et du sentiment humain, l'occasion s'en offre à lui. La route qui mène au renom universel s'ouvre droite et sans obstacle devant lui. Il lui suffira en effet d'écrire et de publier un très petit livre. Le titre en sera simple, quelques mots bien clairs, "Mon cœur mis à nu" ["My heart laid bare"]. Mais ce petit livre devra fidèlement correspondre à son titre. L'écrire, voilà la difficulté. Aucun homme ne pourrait l'écrire, même s'il l'osait. Le papier se recroquevillerait et se consumerait au moindre contact de sa plume enflammée".

⁴ PICHOS, Claude. "Introduction". In: BAUDELAIRE, Charles. *Mon cœur mis à nu*. Édition diplomatique établie par Claude Pichos. Genève: Librairie Droz, 2001: "J'ai deux autres grands ouvrages commencés, mais je sens que je ne les ferai bien qu'à Honfleur. C'est une série de *Nouvelles*, toutes apparentées entre elles, et un gros monstre, traitant de *omni re*, intitulé: *Mon cœur mis à nu*".

⁵ PICHOS, Claude; ZIEGLER, Jean. *Charles Baudelaire*. Paris: Fayard, 1996, p. 445: "J'ai encore des projets; *Mon cœur mis à nu*, des romans, deux drames, dont un pour le Théâtre-Français, tout cela sera-t-il jamais fait? Je ne le crois plus".

⁶ PICHOS, Claude. "Notice". In: BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1983, p. 1468: "Oui, ce livre tant rêvé sera un livre de rancunes. À coup sûr ma mère et même mon beau-père y seront respectés. Mais

Após morar em Bruxelas, para onde leva os manuscritos, Baudelaire retorna à França, onde morre meses mais tarde, em agosto de 1867. Os manuscritos de *Mon cœur mis à nu* ficam com sua mãe, Madame Aupick, que os envia a Charles Asselineau. Este, por sua vez, destina o material a Auguste Poulet-Malassis (amigo de Baudelaire e editor das *Fleurs du mal*), o primeiro a trabalhar sobre os manuscritos: diante de um conjunto de folhas soltas dos mais diversos tamanhos e tipos de papel, escritas ora a tinta, ora a lápis, Malassis é o primeiro a assumir um gesto editorial, inscrevendo a completude na incompletude; condensando o disperso; ordenando a desordem: enumera os fragmentos em algarismos arábicos e os coloca em folhas de grande formato (35,8 x 22,5 cm), também numeradas em algarismos arábicos. Ambas as numerações foram feitas em tinta vermelha. Essa ordenação, arbitrária e sem traço de justificativa por escrito, é cristalizada numa encadernação em capa dura de couro, também realizado a cargo de Malassis.

O primeiro a publicar fragmentos da obra foi Charles Asselineau, que publica no fim de 1868 a primeira biografia de Baudelaire. Octave Uzanne lança outros fragmentos no *Le figaro* de 30 de agosto de 1880, no *Le livre* de 10 de setembro de 1884 e no *Nos amis les livres*, de 1886. Integralmente (ou quase, já que são apagadas passagens ofensivas), *Mon cœur mis à nu* só será publicado em 1887, pelas mãos de Eugène Crépet, responsável pelas *Oeuvres posthumes* de Baudelaire.

A história dos manuscritos do *Livro do desassossego* é certamente mais conhecida (*Mon cœur mis à nu* é, mesmo contemporaneamente, ignorado pela maior parte dos críticos baudelairianos), mas não menos sujeita a idas e vindas. Publicado pela primeira vez em 1982, o livro já passou pelas mais diversas edições, sendo as mais conhecidas no Brasil a de Teresa Sobral Cunha e a de Richard Zénith. Trata-se de um caso até certo ponto semelhante a *Mon cœur mis à nu*: uma reunião de fragmentos e notas dedicados a uma obra futura, obra que, no entanto, nunca chegou a ser “concluída”. Ficam em aberto a ordenação, a seleção, o acabamento que teria a obra uma vez terminada.

Pessoa deixou somente cinco envelopes intitulados *LdoD*. Ainda assim, são nove envelopes que atualmente formam aquilo que se convencionou considerar o núcleo duro do *Livro*. Quatro desses envelopes, como é de se imaginar, não contêm inscrição nenhuma. Pessoa deixou cerca de 300 trechos devidamente atribuídos ao *Livro do desassossego*. Hoje, com o trabalho de pesquisadores e filólogos, já são cerca de 500. A atribuição é complexa. Após os trabalhos de Maria Alieta Galhoz, Teresa Sobral Cunha e Jacinto do Prado Coelho, responsáveis pelo *corpus* da primeira edição, o *Livro do desassossego*, como mostra Pizarro, “sofreu uma tendência inflacionária [...] [tornando-se] uma espécie de arca em que foram sendo ‘depositados’ novos escritos; era ‘O Grande Livro’, e tudo o que Pessoa escreveu [...] parecia ter cabimento nessas páginas”⁷.

Na edição de Cunha, por exemplo, chegou-se a mais de 700 trechos. Giménez⁸ fornece um quadro comparativo das diferentes edições “integrais”, que reproduzo abaixo, acrescentando, de minha parte, informações referentes à última edição de Pizarro (2013):

tout en racontant mon éducation, la manière dont se sont façonnés mes idées et mes sentiments, je veux faire sentir sans cesse que je me sens comme étranger au monde et à ses cultes. Je tournerai contre la *France entière* mon réel talent d’impertinence. J’ai un besoin de vengeance comme un homme fatigué a besoin d’un bain [...] Je ne publierai, certes, *Mon cœur mis à nu*, que quand j’aurai une fortune assez convenable pour me mettre à l’abri, hors de France, s’il est nécessaire”.

⁷ PIZARRO, Jerónimo. “Apresentação”. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010, p. 7.

⁸ GIMÉNEZ, Diego. “Fragmentación y edición en el *Libro del desassossiego*”. MatLit 1.1, 2013.

Responsável	Ano	Editora	Número de fragmentos	Critério de ordenação	Ortografia
Coelho	1982	Ática	520	“Manchas temáticas”	Antiga
Cunha	1997-2008	Relógio d’Água	723	Cronológico	Moderna
Zenith	1998-2009	Assírio & Alvim	481 + 33 = 514	Subjetivo	Moderna
Pizarro	2010	Imprensa Nacional – Casa da Moeda	445 (mais 141 anexos)	Cronológico	Antiga
Pizarro	2013	Tinta-da-China	445 (mais 10 anexos)	Cronológico	Antiga

Quadro 1: Quadro comparativo do número de fragmentos, critério de ordenação e ortografia das edições do *Livro do desassossego*.

Pizarro, em entrevista concedida a Bragança, afirma que seria impossível chegar a uma “edição definitiva das obras de Fernando Pessoa”⁹. Não só o *Livro do desassossego*, mas tudo aquilo que Pessoa deixou pode ser visto, na verdade, como “fragmentos, fragmentos, fragmentos”¹⁰, raciocínio que parece tomar emprestada a afirmação de Eduardo Lourenço:

O *Livro* comporta todos os textos de Fernando Pessoa, todas as suas mais características tonalidades desde o ultra-simbolismo sonambúlico dos jovens anos até ao simbolismo (ultra também ou menos ultra) de fim de percurso e vida. [...] [O *Livro* é um] texto onde dialogam indistintamente os fantasmas bem presentes de Caetano, Reis e sobretudo de Campos, mas igualmente o do nunca sepulto autor da ‘Floresta do alheamento’ que aqui, em sumptuoso ‘requiem’ à memória do wagneriano Luís II, nos aparece como Fernando, rei da nossa Baviera de sonho.¹¹

Ao fazer um breve histórico das edições do *Livro do desassossego*, não se pode deixar de mencionar o papel de Jorge de Sena, o primeiro a tentar publicar, pela editora Ática, uma versão integral do *Livro*. Anteriormente, esparsos fragmentos haviam aparecido em outras publicações de Pessoa (por exemplo: em 1938, numa edição de *Mensagem*, a publicação de um fragmento intitulado *Diário lúcido*, atribuído a Vicente Guedes; ou, em 1960, a publicação de dez fragmentos do *Livro* em *Obra poética*, de responsabilidade de Maria Aliete Galhoz). Em 1969,

⁹ BRAGANÇA, Gustavo. “O desafio de editar Pessoa: entrevista com Jerônimo Pizarro”. *Revista Escrita*, n. 13, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2011, p. 7.

¹⁰ Carta a Armando Côrtes-Rodrigues - 19 Nov. 1914.

¹¹ LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, p. 89.

contudo, Sena abandona o projeto. Dez anos depois, Prado Coelho reassume os trabalhos e, em 1982, a editora Ática pode finalmente publicar uma primeira edição integral¹² do *Livro do desassossego*. Maria Aliete Galhoz, que publicara fragmentos em *Obra poética*, e Teresa Sobra Cunha, que publicará sua própria edição anos mais tarde, foram responsáveis pela transcrição dos manuscritos. Fernando Pessoa cai em domínio público em 1986 (50 anos da morte do autor), inaugurando um período de diversas reedições, parciais ou não, da primeira edição do *Livro do desassossego*. Na década de 1990, a legislação autoral europeia é modificada e os herdeiros de Pessoa voltam a ter domínio sobre sua obra até 2006 (70 anos da morte do autor). Cunha, que publicara um primeiro volume de uma nova edição em 1997 pela Relógio d'Água, é obrigada a interromper os trabalhos. Os herdeiros de Pessoa negociam com a editora Assírio & Alvim, que encomenda uma nova edição a Richard Zenith, publicada em 1998¹³. Até 2012, a edição de Zenith contou com dez reedições, passando pelas mais diversas mudanças. Em 2006, Pessoa volta a cair em domínio público. Cunha retoma seus trabalhos interrompidos em 1997 na Relógio d'Água, corrige transcrições, inclui e exclui fragmentos. No meio ao caos de edições reeditadas, reimpressas, lançadas e relançadas, Jerónimo Pizarro, em 2010, lança a primeira edição crítica do *Livro do desassossego*, a partir de um trabalho minucioso que procura valorizar a pesquisa direta no espólio pessoano, a investigação sobre a materialidade dos manuscritos, a análise de variantes das demais edições, a adoção de critérios objetivos para a ordenação do livro e um procedimento cuidadoso de selecionar aquilo que incontestavelmente faria parte do *Livro* e o que teria sido incluído como consequência do processo inflacionário por que passou a obra após a primeira edição de Prado Coelho.

Mas o *Livro do desassossego* é, como defende Pizarro, um “labirinto impossível”¹⁴. Ou, nos dizeres de Giménez, “não existe uma solução definitiva para o *Desassossego* pessoano”¹⁵. O *Livro do desassossego* é e será sempre um livro por vir, a realização do não realizado, o irrealizável. O *Livro do desassossego* existe no que se pode imaginar dele; existe na interpretação de cada editor, que seleciona, ordena, transcreve segundo critérios específicos da sua leitura, do seu modo de imaginar e reimaginar o *Livro*. Nesse processo, é a ordenação dos textos, bem como os textos que devem ou não fazer parte do *Livro*, que produzem as diferenças mais profundas entre as edições.

Como afirma Leyla Perrone-Moisés¹⁶, “o verdadeiro e definitivo *Livro do desassossego* nunca existiu, e não existirá jamais”. Ora, o mesmo podemos dizer sobre *Mon cœur mis à nu*: obra incompleta, projeto de livro não realizado e por si só irrealizável.

Também Baudelaire admite na sua correspondência pessoal (anteriormente mencionada) o caráter irrealizável, isto é, impossível, de *Mon cœur mis à nu*. Mesmo se referindo a questões de ordem prática (correspondência pessoal queimada, necessidade de juntar dinheiro para deixar a França etc.), o título de seu projeto, ao recuperar o livro imaginado por Poe, *My heart laid bare*, retoma também, ao menos indiretamente, a impossibilidade de realização prevista pelo poeta americano: “Escrevê-lo, eis a dificuldade. Nenhum homem poderia escrevê-lo, ainda que ousasse. O papel se contorceria e se consumiria ao menor contato com a pena em chamas”.

Apesar do inacabamento, que não deixa de estar ligado à própria inviabilidade real desses projetos, é fato que há realização em alguma medida. Afinal, há manuscritos, há notas, frases, fragmentos, parágrafos com algum nível

¹² Chamar qualquer edição do *Livro do desassossego* de “integral” é automaticamente problemático. Adotamos tal denominação, portanto, no contexto específico de comparação com as publicações anteriores, que sempre se assumiram parciais e incompletas, enquanto é essa edição da Ática que pela primeira vez assume uma posição de (intenção de) “integralidade”.

¹³ É esta edição que será publicada no Brasil pela Companhia das Letras, reinando como a única disponível no mercado nacional até 2013, quando sai, de forma binacional, a edição de Pizarro (Tinta-da-China).

¹⁴ PIZARRO, Jerónimo. “Os muitos desassossegos”. III Congresso Internacional Fernando Pessoa, 2013, p. 1-15.

¹⁵ GIMÉNEZ, Diego. “El nuevo Livro do desassossego”. *MatLit*, v. 1, n. 2, Coimbra, 2013, p. 167: “No hay una solución definitiva para el *Desassossego* pessoano”.

¹⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 293.

de acabamento e realização. Contudo, também é fato que o texto “realizado” está aquém do texto imaginado, planejado e projetado.

É possível dizer que o *Livro do desassossego*, que chegou a contar com a publicação de trechos em revistas e jornais (na revista *A águia*, por exemplo, Pessoa publica a plaqueta “Na floresta do alheamento”, assinada por ele mesmo, F. Pessoa, com a vaga nota “Para o L. do D.”), apresenta, ao menos em relação a alguns trechos, um grau de acabamento maior. *Mon cœur mis à nu* tanto não teve qualquer trecho publicado quanto é composto em grande medida de planos de trabalho que não chegam a comparecer no *Livro do desassossego*, embora existam¹⁷: “História da minha tradução de Edgar Poe. História das Flores do mal, humilhação pelo mal-entendido, e meu processo. História das minhas relações com todos os homens célebres da nossa época. Belos retratos de alguns imbecis”¹⁸.

E, ao mencionar o fato de Pessoa ter chegado a publicar alguns trechos em vida do *Livro*, começo a tocar em diferenças relevantes que podem ser identificadas entre o *Livro* e *Mon cœur mis à nu*.

Afastamentos possíveis: ordenação, publicação, temática e autoria(s)

Apesar do *Livro do desassossego* apresentar trechos de maior acabamento, alguns inclusive publicados por Pessoa, *Mon cœur mis à nu* tem um maior efeito de acabamento. Isso porque seus manuscritos estão ordenados e encadernados. É verdade que Baudelaire não chegou a deixar qualquer ordenação prévia, mas o gesto editorial de Malassis funda, por assim dizer, uma ordenação canônica, que mesmo hoje permanece mais ou menos inquestionável, ainda que sabido e reconhecido seu caráter arbitrário.

Essa encadernação traz também um contorno mais nítido do que *faz parte* disso que chamamos *Mon cœur mis à nu*. No quadro que apresentei anteriormente, procurei demonstrar como cada edição do *Livro do desassossego* inclui ou exclui fragmentos conforme critérios e tipos de projeto de cada editor. *Mon cœur mis à nu* não passa por esse nível radical de variabilidade. Primeiro porque Baudelaire escrevia no cabeçalho de todo fragmento o título da obra; depois porque Malassis, ao encadernar (arbitrariamente) os manuscritos, cria um efeito de unidade e estabilidade. A polêmica que surge não diz respeito aos fragmentos que deveriam ser hipoteticamente acrescentados ou suprimidos, mas se outros dois projetos literários de Baudelaire, *Hygiène* e *Fusées*, não seriam em algum momento fundidos pelo poeta francês no conjunto de notas de *Mon cœur mis à nu*, já que apresentam uma lógica de escritura e uma gama temática relativamente próximas àquelas que se pode constatar no volume. Evidentemente, a questão permanece no âmbito das suposições e imaginações. Para além de previsões no futuro do pretérito, a realidade matériaca dos manuscritos deixados por Baudelaire nos levam a ver aí três projetos distintos: *Mon cœur mis à nu*, *Fusées* e *Hygiène*.

Isso não significa, no entanto, que *Mon cœur mis à nu* seja uma “peça” mais estável do que o *Livro do desassossego*. Significa apenas que, em virtude de um gesto editorial sobre a própria realidade matériaca dos manuscritos (sua ordenação e encadernação), *Mon cœur mis à nu* apresenta, em relação à ordenação e à dispersão dos fragmentos, um efeito de estabilidade mais evidente. Efeito esse que não encontra reflexo no nível textual: como já destaquei, são numerosas as passagens compostas de planos de trabalho, ideias para capítulos por vir, lembretes pessoais, esqueletos de texto. São elementos não identificáveis no *Livro do desassossego*, que, apesar de também ter um inegável inacabamento textual, não apresenta nenhum fragmento que seja um explícito plano de trabalho, composto em tópicos e atravessado por lembretes para si mesmo. Ao que tudo indica, o próprio Pessoa não incluiu

¹⁷ Cf. ZENITH, Richard. “Introdução”. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹⁸ BAUDELAIRE, Charles. *Mon coeur mis à nu*. Edição diplomática de Claude Pichois. Genebra: Droz, 2001: “Histoire de ma traduction d’Edgar Poe. Histoire des Fleurs du mal, humiliation par le malentendu, et mon procès. Histoire de mes rapports avec tous les hommes célèbres de ce temps. Jolis portraits de quelques imbeciles”.

esse tipo de material – que existe realmente, como mostra Zenith¹⁹ – nos envelopes do *Livro*. Se Malassis ordenou e encadernou os manuscritos de *Mon cœur mis à nu*, fixando, por assim dizer, uma ordem canônica, ainda que altamente questionável, o caso do *Livro do desassossego* é diverso: os manuscritos nunca foram encadernados; passam pela mesma dificuldade de ordenação de *Mon cœur mis à nu* (temática variada, falta de datas, fragmentos dispersos), mas, estando até hoje dispostos livremente, parecem potencialmente convidar o editor-pesquisador a um constante condensar, dispersar e (re)ordenar desses textos.

Diferentemente de Baudelaire, Pessoa chegou a publicar doze trechos do livro: o primeiro deles, e talvez o mais conhecido, “Na floresta do alheamento”, é publicado na revista *A águia*. Somente dez anos depois, Pessoa publicaria os demais trechos, agora em diferentes revistas. É nesse momento que aparece a figura de Bernardo Soares, ficando Pessoa ele mesmo no papel de “editor ou segundo autor dos textos”²⁰. A questão da relação entre autoria e sujeito poético nos dois casos é também significativa. Zenith explica que

O *Livro do Desassossego*, que tomou diversas formas, também conheceu diversos autores. Enquanto o *Livro* era só um livro, de trechos pós-simbolistas com títulos, o autor anunciado era Fernando Pessoa, mas logo que entraram trechos diarísticos [...], inevitavelmente de cariz mais pessoal, o autor seguiu o seu costume de se esconder por detrás de outros nomes, sendo o primeiro destes Vicente Guedes.²¹

Bernardo Soares só apareceria mais tarde, resolvendo, na visão de Zenith, uma série de nós:

Pessoa não sabia o que fazer com os primeiros trechos, que boiavam na atmosfera nevoenta da ‘Floresta do Alheamento’ [...] Em Soares [...] Pessoa conseguiu conciliar (embora sempre com dúvidas) os sonhos imperiais dos primeiros trechos com as preocupações de um burguês deste século²².

Essas variedades de máscaras autorais, se assim posso dizer, têm uma contrapartida de ordem temática. A Fernando Pessoa, ainda segundo Zenith, está relacionada uma prosa “pós-simbolista na linha reticente de ‘Na Floresta do Alheamento’”²³; a Vicente Guedes corresponderia, já cometendo o pecado da simplificação exagerada, a escrita de um “diário (ou diários) que devia(m) fazer parte do *Livro do Desassossego*. Um ‘livro suave’, ‘a autobiografia de alguém que nunca teve vida’”. E a Bernardo Soares, finalmente, estaria relacionada, nas palavras de Eduardo Lourenço, a prosa de um “real trivialíssimo”²⁴. A complexidade autoral do *Livro do desassossego* é tal que é possível mencionar ainda a figura do Barão de Teive, que aparece como um “colaborador”.

Tematicamente, *Mon cœur mis à nu* é, como diz o próprio Baudelaire em carta acima reproduzida, um livro de “rancores”, de cóleras: contra a França, contra a burguesia, contra a “canalha literária”, contra todos. Há em Baudelaire uma dimensão política, histórica e social fundamental que não parece ter papel tão destacado no caso do *Livro do desassossego*.

¹⁹ ZENITH, Richard. “Introdução”. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

²⁰ LINDEMANN, Verena. *Traduzir um texto inacabado: o Livro do desassossego em Portugal e na Alemanha*. 2013. 233 p. Dissertação (Mestrado em Tradução). Faculdade de Letras, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2013, p. 25.

²¹ ZENITH, Richard. “Introdução”. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 20.

²² Idem, p. 22.

²³ Idem, p. 16.

²⁴ Idem, p. 91.

Os Horrores de Junho. Loucura do povo e loucura da burguesia²⁵;

Entedio-me na França, principalmente porque nela todos se parecem com Voltaire²⁶;

O Comércio é, na sua essência, satânico. [...] Para o Comerciante, a própria honestidade é uma especulação de lucro²⁷.

Para além de uma prosa minimamente trabalhada, Baudelaire lança no papel projéteis imediatos, *fusées* sem acabamento, projetos-projéteis atirados ao acaso, conforme a inspiração e a circunstância: “Posso começar *Mon cœur mis à nu* não importa onde, não importa como, e continuá-lo no dia a dia, seguindo a inspiração do dia e da Circunstância, desde que a inspiração esteja viva”²⁸.

A questão autoral é significativa em ambos os casos. Não pretendo entrar na complexa questão do heterônimo²⁹ em Fernando Pessoa e especialmente no *Livro do desassossego*, que cheguei a mencionar brevemente ao mostrar a quantidade de “máscaras autorais” que aparecem no *Livro*. Para este trabalho, pretendo somente mostrar como a questão “autoral” é relevante (e diversa) nos dois casos.

No *Livro do desassossego*, como se viu, aparecem pelo menos três “autores” distintos: Pessoa ele mesmo, Vicente Guedes e Bernardo Soares, sendo este um “semi-heterônimo” que acaba assumindo a maior parte do que hoje chamamos o *Livro do desassossego*. Em *Mon cœur mis à nu* não há, como é fácil supor, nenhum jogo heteronímico. Mas há algo que diz muito sobre Baudelaire (e sobre o próprio Pessoa, em alguma medida): a questão da despersonalização. Hugo Friedrich³⁰ é, sem ignorar os problemas da sua posição³¹, aquele que identifica na linhagem Poe-Baudelaire-Mallarmé a base da lírica moderna. Num dos pilares dessa base, estaria a despersonalização, isto é, o apagamento do sujeito biográfico (e o fortalecimento do sujeito ficcional), iniciado em Baudelaire e atingindo em Mallarmé o próprio apagamento do sujeito poético, em nome de uma “poesia pura” que é toda ela abstração e sugestão significante. O problema dessa “descrição sistemática”³² é, entre outros, o fato de não pensar as contradições baudelaireanas no interior da própria despersonalização. Isto é: sendo Baudelaire o poeta das divergências e contradições, das aproximações impossíveis, dos paradoxos e do choque, essas contradições aparecem na própria questão da despersonalização. Afinal, como é possível que o poeta da despersonalização escreva em carta pessoal que *Mon cœur mis à nu* seria suas “confessions”? Além disso, como pensar o confessional e o autobiográfico em *Mon cœur mis à nu* se me deparo, já na primeira linha da ordenação de Malassis, com a frase-guia (já citada) “Da Vaporização e da Centralização do Eu. Está tudo aí”?

O *Livro do desassossego* tem três “autores” (não levando em conta o “colaborador” Barão de Teive), sendo um deles, Bernardo Soares, nem o ortônimo nem um heterônimo, mas um semi-heterônimo, levando ao que Lourenço chamaria de uma “encenação abismal do eu”³³. *Mon cœur mis à nu* oscila entre a vaporização e a centralização do eu, entre o apagamento do eu e a narrativa pessoal, quase confessional, desse eu, colocando em questão as bases mesmas da despersonalização da lírica moderna.

²⁵ Idem, p. 8: “Les Horreurs de Juin. Folie du peuple et folie de la bourgeoisie”.

²⁶ Ibidem, p. 29: “Je m’ennuie en France, surtout parce que tout le monde y ressemble a Voltaire”.

²⁷ Ibidem, p. 74: “Le Commerce est, par son essence, satanique. [...] Pour le Commerçant, l’honnêteté elle-même est une spéculation de lucre”.

²⁸ Ibidem, p. 1: “Je peux commencer *Mon cœur mis à nu* n’importe où, n’importe comment, et le continuer au jour le jour, suivant l’inspiration du jour et de la circonstance, pourvu que l’inspiration soit vive”.

²⁹ Para tanto, ver especialmente PERRONE-MOISÉS, Leyla. Op. cit.

³⁰ FRIEDRICH, Hugo. *Structure de la poésie moderne*. Paris: Livre de Poche, 1999.

³¹ Cf. BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. São Paulo: CosacNaify, 2007.

³² Ibidem, p. 7.

³³ LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, p. 91.

Como se pode perceber, a questão da (des)personalização no *Livro do desassossego* e em *Mon cœur mis à nu* é de alta complexidade. Não pretendi, nem poderia pretender, esgotá-la em ambos os casos. Neste trabalho, interessou-me principalmente tecer aproximações e afastamentos no que diz respeito ao inacabamento fundamental (e gerador de sentidos) que existe nessas escrituras.

Provisória conclusão

Exatamente porque são textos moventes, *Mon cœur mis à nu* e o *Livro do desassossego* escapam o tempo todo, oscilam entre a abertura e o fechamento, não se deixam apreender em sua totalidade. Poderíamos perguntar: e que texto deixa? Não se trata de negar que a abertura seja algo intrínseco a toda obra de arte, mas apontar para a radicalidade dessa abertura no caso de escrituras como *Mon cœur mis à nu* e o *Livro do desassossego*. Nesses casos, a variabilidade, a latência e a virtualidade são elementos essenciais da escritura, colocam o texto em movimento e colocam em primeiro plano questões que outros tipos de escritura não teriam como colocar (os limites da obra, o (in)acabamento de um texto, as variabilidades de fixação editorial, a materialidade do manuscrito etc.). Deparar-se com esse tipo de escritura exige que se coloquem em xeque as próprias noções de texto, obra, produto, “vontade do autor”, “imparcialidade editorial”, ficção e confissão, etc. O que são, afinal, esses textos? São textos? Como chamá-los? Não me parece produtivo, e sequer possível, definir casos como *Mon cœur mis à nu* e o *Livro do desassossego* a partir de categorias estanques.

Lembro-me agora destes versos de Murilo Mendes: “Não se trata de ser ou não ser,/Trata-se de ser e não ser”³⁴. Pergunto-me: não seria o caso de falarmos que não são nem obra nem projeto, mas exatamente o intervalo entre um e outro? Não seria o caso de falarmos que não são nem processo totalmente aberto nem produto acabado, mas a dobra (tensa) entre eles?

Pessoa adiantou: “nenhum problema tem solução”³⁵.

Deixo, portanto, o problema em aberto.

Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. *Mon coeur mis à nu*. Edição diplomática de Claude Pichois. Genebra: Droz, 2001.
- BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. São Paulo: CosacNaify, 2007.
- BRAGANÇA, Gustavo. “O desafio de editar Pessoa: entrevista com Jerônimo Pizarro”. *Revista Escrita*, n. 13, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2011, p.1-13.
- FRIEDRICH, Hugo. *Structure de la poésie moderne*. Paris: Livre de Poche, 1999.
- GIMENEZ, Diego. “Fragmentación y edición en el *Libro del desassossiego*”. *MatLit* 1.1, 2013.
- _____. “El nuevo *Livro do desassossego*”. *MatLit*, v. 1, n. 2, Coimbra, 2013.
- HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: CosacNaify, 2007.
- LINDEMANN, Verena. *Traduzir um texto inacabado: o Livro do desassossego em Portugal e na Alemanha*. 2013. 233 p. Mestrado em Tradução. Faculdade de Letras, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2013.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.
- MENDES, Murilo. *Poesia liberdade*. São Paulo: Record, 2001.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa, quem do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Ed. Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

³⁴ MENDES, Murilo. *Poesia liberdade*. São Paulo: Record, 2001, p. 129.

³⁵ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Op. cit., p. 310.

_____. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues - 19 Nov. 1914. Disponível em:
<http://arquivopessoa.net/textos/3493>

PICHOIS, Claude. "Notice". In: BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1983.

_____. "Introduction". In: BAUDELAIRE, Charles. *Mon cœur mis à nu*. Édition diplomatique établie par Claude Pichois. Genève: Librairie Droz, 2001.

PICHOIS, Claude; ZIEGLER, Jean. *Charles Baudelaire*. Paris: Fayard, 1996.

PIZARRO, Jerónimo. "Apresentação". In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010, p. 7-10.

_____. "Os muitos desassossegos". III Congresso Internacional Fernando Pessoa, 2013, p. 1-15.

POE, Edgar A. Contes, essais, poèmes. Paris: Éd. Robert Laffont, coll. Bouquins, 1995.

ZENITH, Richard. "Introdução". In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Recebido em: 02 set. 2016.

Aceito em: 03 out. 2016.